

# A Cidade Baixa é de quem a pratica: apropriações juvenis de um bairro boêmio a partir das ruas

Cidade Baixa belongs to those who practice it: youth appropriations of a bohemian neighborhood from the streets

**Joanna Munhoz Sevaio**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

## RESUMO

Este texto trata de pesquisa etnográfica em que observei como o encontro de corpos juvenis com a dança, com bebidas alcoólicas e com o ritmo do funk compõe uma versão particular do espaço urbano, mais particularmente da Cidade Baixa, um bairro em Porto Alegre/RS, Brasil, conhecido por sua intensa vida noturna. Analisei a ocupação das ruas do bairro por jovens a partir da combinação de dois contextos: da pesquisa realizada entre 2019 e 2021, que culminou em minha dissertação, e da observação da continuidade das dinâmicas rueras no período posterior à pandemia de covid-19. Inspirada em Certeau (2014), parto da noção de que a Cidade Baixa é *praticada* a partir das sociabilidades que imprimem uma lógica específica em seu cotidiano, em que os deslocamentos são uma dimensão fundamental. Mais do que isso, argumento que a ocupação das ruas do bairro por esses jovens transcende o caráter do entretenimento, fazendo da festa um mecanismo de reivindicação política da cidade e de seus lugares.

**Palavras-chave:** Jovens, Rua, Ocupação, Festa, Funk.

## ABSTRACT

This text deals with ethnographic research in which I observed how the encounter of young bodies with dance, alcoholic drinks and the rhythm of funk makes up a particular version of urban space, more particularly in CidadeBaixa, a neighborhood in Porto Alegre/RS, Brazil known for its intense nightlife. I analyzed the occupation of the neighborhood's streets by young people from a combination of two contexts: research carried out between 2019 and 2021, which culminated in my dissertation, and observation of the continuity of street dynamics in the period after the covid-19 pandemic. Inspired by Certeau (2014), I start from the notion that the Lower City is practiced based on sociabilities that imprint a

---

Recebido em 01 de outubro de 2023.

Avaliador A: 14 de dezembro de 2023.

Avaliador B: 22 de dezembro de 2023.

Aceito em 21 de junho de 2024.

---



specific logic on its daily life, in which travel is a fundamental dimension. More than that, I argue that the occupation of the neighborhood's streets by these young people transcends the nature of entertainment, making the party a mechanism for political reclamation of the city and its places.

**Keywords:** Young People, Street, Occupation, Party, Funk.

## INTRODUÇÃO

Era uma sexta à noite de maio de 2023 quando saí com alguns amigos para ir a uma roda de samba na rua José do Patrocínio, via central do bairro Cidade Baixa. Costumávamos comprar cerveja em um estabelecimento próximo dali, um bar localizado em uma rua perpendicular, a Joaquim Nabuco. Naquela noite, o trajeto de menos de 200 metros foi dificultado pela quantidade de pessoas que tomaram completamente o lugar. Mil, dois mil, talvez três mil jovens fizessem daquela quadra um baile funk ao ar livre. Não havia, como em outras festas, uma centralização de caixas de som ou uma figura equivalente a um DJ. Por toda a extensão da quadra, grupos e mais grupos reuniam-se em torno de suas próprias caixas de som, compartilhando bebidas e a rua, formando, assim, uma multidão, a qual obstruía a passagem de carros.

O chamariz para aquela região do bairro era, pelo que pude perceber, as promoções de chope e de caipirinhas de um bar chamado Janela. A proposta do estabelecimento é relativamente simples: as vendas, como o nome indica, acontecem em uma janela, de modo que o acesso ao interior do bar fica limitado a quem vai aos banheiros ou opta por comer alguma das opções do cardápio de hambúrgueres. Além das caixas de som, a presença de pequenos *coolers* e sacolas térmicas indicava que nem todas as pessoas ali reunidas consumiam bebidas do Janela. Na maneira de *praticar a cidade* observada, as sociabilidades que acontecem nas ruas importam mais do que o estabelecimento, que serve mais como ponto de referência do que de permanência. O Janela foi inaugurado no final de 2022, mas ganhou projeção em meados do ano seguinte. Antes disso, outros estabelecimentos também já ocuparam essa mesma posição de foco das aglomerações juvenis.

Durante a pesquisa de mestrado realizada entre 2019 e 2021, observei o mesmo tipo de interação com os espaços públicos do bairro, fenômeno que chamei de *arruaças* (Sevaio, 2021). As ruas e os pontos de referência eram outros, no entanto. No decorrer do mestrado, foi possível identificar deslocamentos pelas ruas da Cidade Baixa, uma vez que, de tempos em tempos,

mudava o *point* de maior concentração de jovens. Como sugere Agier (2015), o processo de fazer-cidade é essencialmente movimento, acontece nos fluxos a partir do encadeamento simbólico que se dá por meio das experiências nos lugares. O distanciamento temporal entre aquela pesquisa e este texto ajuda, portanto, na compreensão dos deslocamentos dos jovens entre os lugares do bairro e sua maneira particular de apropriação da cidade, o que busco aqui explorar.

Peirano (2014), ao discutir os meandros da pesquisa etnográfica, comenta a dificuldade de dissociar o trabalho de campo dos acontecimentos fortuitos da vida do pesquisador. Quando, afinal, começam e terminam as dinâmicas do “fazer campo”? A pesquisa etnográfica em contextos urbanos, uma vez que podemos circular cotidianamente pelos lugares que investigamos, adiciona camadas de complexidade à tarefa de delimitação das relações de pesquisa, as quais demandam “[...] potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem” (Peirano, 2014, p. 379). Foi assim que a observação de cenários como o da ocupação da Joaquim Nabuco, além de outras inúmeras situações vivenciadas na Cidade Baixa depois de terminado o período de mestrado, suscitam inquietações da mesma natureza: certo sentimento de continuidade das relações de pesquisa com a Cidade Baixa e seus *praticantes*.

Este texto resulta, assim, da combinação analítica entre os dados observados durante o imersivo trabalho de campo realizado em minha pesquisa de mestrado e os desdobramentos dela, que foram momentos esparsos de observação das dinâmicas que continuaram a acontecer no bairro. O objetivo é demonstrar uma Cidade Baixa *praticada* pelos jovens que fazem das ruas do bairro lugar de festa, apropriando-se dos espaços públicos a partir de suas sociabilidades. Antes disso, porém, apresentarei o bairro ao leitor.

## CIDADE BAIXA E A BOEMIA PORTO-ALEGRENSE

No processo de formação do espaço urbano de Porto Alegre, a Cidade Baixa foi estigmatizada como lugar de “gentinha”, sobretudo imigrantes europeus empobrecidos e escravizados (Rosa, 2018; Pesavento, 1991). Era uma região, entre o século XIX e meados do século XX, marcada por condições precárias de habitação — sem saneamento e com constantes inundações. Apesar da precariedade, muitas das famílias mantinham entre si laços de solidariedade. Conforme salienta Oliveira (1995), a música era um dos elementos dos vínculos sociais entre os moradores da Cidade Baixa. Foi, então, entre as malocas, botecos e tavernas da região que o samba surgiu na cidade. Nascido em 1914, Lupicínio Rodrigues foi o mais notório

entre os filhos da Ilhota, território negro localizado nos limites entre os bairros Cidade Baixa e Menino Deus (Vieira, 2017). Ele ganhou projeção nacional com sambas que celebravam a vida boêmia e choravam dores de cotovelo.

Além da boemia ligada ao samba, a Cidade Baixa ficou conhecida por seus gloriosos carnavais de rua. Blocos, cordões e grupos conhecidos como tribos desfilavam pelo bairro atraindo multidões sob o som de tambores. A rua João Alfredo, uma das principais da Cidade Baixa, foi assim caracterizada: “[...] populosa e festeira, se salientava pelo brilho de seu carnaval de rua, sobretudo na primeira metade deste século” (Franco, 1998, p. 224). Hoje, a tradição sambista é mobilizada por blocos de carnaval que atuam em Porto Alegre, um movimento crescente desde os anos 2010 e que leva multidões a ocuparem monumentos, praças e todo tipo de espaços públicos (Sevaio, 2021).

Ao longo das primeiras décadas do século XX, o bairro passou por uma série de “cirurgias urbanísticas” (Franco, 1998), resultado de um modelo de planejamento urbano higienista. O perfil populacional da Cidade Baixa mudou junto com tais reformas urbanas assim que o bairro passou a ser atrativo para as camadas médias urbanas, com a predominância de pessoas brancas. No começo da década de 1970, a Ilhota de Lupicínio Rodrigues foi completamente extinta do mapa da cidade. Na mesma época, os antigos bares e tabernas foram também desaparecendo. O coração da vida boêmia da cidade passou, então, a pulsar em outros lugares, sobretudo em um dos bairros vizinhos, o Bom Fim.

Na virada do século XXI, foi configurando-se na Cidade Baixa um novo cenário boêmio, mais plural que o anterior. Antes vinculado ao samba e ao carnaval, o bairro viu proliferar por suas ruas centenas de estabelecimentos destinados a um público abrangente e variado. Não há o que não haja por lá: rock, pop, funk, MPB e também muitas rodas de samba (Fonseca, 2006; Silva, 2014; Sevaio, 2021). Nos últimos anos, o nicho das cervejas artesanais conquistou um público considerável no bairro, de modo que surgiram muitos bares voltados à comercialização desse tipo de bebida. Ao mesmo tempo, não faltam estabelecimentos onde são vendidas cervejas comerciais, que atraem público mais pelo preço baixo da bebida do que pela qualidade dela. Para quem prefere beber drinks ou bebidas destiladas, há uma série de opções de bares.

Um dos marcos da retomada boêmia da CB — como é conhecido popularmente o bairro — foi a construção, ainda na década de 1990, do Centro Comercial Nova Olaria. Na época, a sigla GLS ainda era utilizada para tratar da comunidade LGBTQIA+. Foi justamente esse público que começou a frequentar o Nova Olaria e, por conseguinte, a Cidade Baixa (Cogo, 1999). Mas não é somente o público LGBTQIA+ que atualmente encontra opções de entretenimento no bairro. Há, por exemplo, bares voltados à apresentação de drag queens. A poucos metros de distância, há bares temáticos que homenageiam nomes como Quentin Tarantino e Charles Bukowski, além do personagem Harry Potter. Fundada no final da década de 1980, a casa de

shows Opinião ocupa um lugar importante no cenário da Cidade Baixa. Além do Opinião, há outras casas de festas com propostas e públicos variados.

Entender a pluralidade de estabelecimentos e do público que circula pela Cidade Baixa é um passo importante para a compreensão do fenômeno que é o foco deste texto. Ancorado no passado sambista e no presente de perfil mais diversificado, fundamentou-se no imaginário social a noção de que a CB é o destino de quem procura por entretenimento noturno. Nos termos do proposto por Gravano (2003), há uma *identidad barrial* vinculada às festas e sociabilidades festivas. De acordo com Marina, uma de minhas interlocutoras, é isso que agrega valor às experiências no e do bairro: “Cada noite é muito diferente uma da outra, nada nunca vai ser igual na Cidade Baixa... porque são sempre pessoas diferentes. Eu acho que é o único bairro que consegue acolher uma galera de tantos estilos diferentes...então nunca é igual” (relato de Marina, 2020).

A variedade de opções de entretenimento noturno fez com que a Cidade Baixa se tornasse um bairro acostumado aos fluxos, com pessoas circulando pelas ruas para chegar de um lugar a outro. De bar em bar, milhares de pessoas caminham pela CB durante as noites, sobretudo nos finais de semana. Nos últimos anos, notadamente a partir de 2017, as ruas do bairro passaram a ser também lugar de permanência, e não só de circulação. Foi nesse cenário que, em 2019, interessei-me por compreender os sentidos dessa experiência “rueira”. Na fala de Fernando, outro interlocutor da pesquisa, é possível perceber algumas das razões que levam uma parcela significativa dos frequentadores da Cidade Baixa a escolher os espaços públicos em detrimentos de casas de festas ou bares:

Uma fortuna de dinheiro pra tá ali dentro pra sair às 5 da manhã, enquanto que você na rua é como se você estivesse sempre se movimentando de lugar pra lugar, sai do Vila pro Speed, do Speed vai pra Sônia, da Sônia vai pra, sei lá, tem um itinerário completo e você às vezes não paga nada, então só por isso eu acho que já é, já é um ponto central pra mim, tá ligado? (relato de Fernando, 2020).

Permanecendo nas ruas, os jovens se movimentam, afetando e sendo afetados por uma cidade que também está em pleno movimento. Como destacou Fernando, ocupar os espaços públicos para fazer festa é uma experiência gratuita, supostamente acessível a quem quer que seja. É na apropriação dos lugares a partir das práticas festivas — as quais se entremeiam a modos de agir e estéticas específicas — que reside o caráter político da experiência, o que explorarei com mais profundidade ao longo deste texto. Uma vez introduzido o panorama geral da vida boêmia da Cidade Baixa, a partir de agora me deterei à análise de como as práticas juvenis

## CB PRATICADA PELOS JOVENS: AS RUAS DO BAIRRO COMO LUGAR DE FESTA E POLÍTICA

Anoção de que minha pesquisa encontraria em seus caminhos as discussões antropológicas sobre juventude não foi um pressuposto analítico. Foi algo que surgiu no decorrer do trabalho de campo, um trabalho interacional e preenchido por situações de intersubjetividade. Seguindo os passos do proposto por Silva (2009), eu passei a circular pelo bairro para observá-lo: “Ando por aí, converso com um e com outro” (Silva, 2009, p. 174) e, assim, busquei promover meu envolvimento com o bairro e seus *habitués*, a fim de construir uma interpretação sobre a Cidade Baixa.

Foi em uma das primeiras noites de observação, ainda em março de 2019, que fui chamada de “tia”. Quando comecei o trabalho de campo, tinha apenas 25 anos. A epifania sobre minha diferença de idade em relação aos interlocutores da pesquisa aconteceu quando um rapaz, que aparentava ter menos de 20 anos, me viu encostada em uma pilastra e perguntou se eu tinha isqueiro, primeiro me chamando de “tia”. No início, aquilo foi um choque, pois achei que poderia me misturar à multidão que se aglomerava no entorno do bar Cheiki sem destoar dos frequentadores habituais. Mas eu estava enganada. Vestindo um moletom de coloração rosa-pastel e segurando um copo de kit, aquele rapaz acabou abrindo um horizonte analítico que eu não previa.

O próprio uso do termo kit já representa um choque geracional interessante de ser mencionado. De modo geral, um kit é qualquer conjunto de elementos que servem para o mesmo fim. Um kit de ferramentas ou um kit de primeiros socorros, por exemplo. No caso observado, os jovens gaúchos chamam de kit a mistura de alguma bebida destilada, sobretudo vodca, com outra bebida doce, geralmente energéticos. Tal combinação não é exatamente uma novidade, sendo a distinção apenas do termo utilizado para fazer referência a ela. Marina destaca que o consumo desse tipo de bebida é um tipo de prática atrelada à juventude: “[...] mas eu sei que a galera assim 25+ detesta kit e acha extremamente nojento e que faz mal pro coração” (relato de Marina, 2020).

Como consumidora assídua de cerveja, somente a partir da observação atenta das aglomerações juvenis na Cidade Baixa consegui perceber as diferenças entre as *maneiras de beber* (Garcia, 2018) associadas ao kit e à cerveja. Ambas as bebidas têm coloração âmbar e aos meus olhos míopes inicialmente pareciam ser a mesma coisa. Mas o consumo do kit exige uma configuração específica: as garrafas de vodca costumam ser de vidro e compradas coletivamente, pertencendo a grupos de três e quatro jovens. É por isso que a disposição em círculos serve como mecanismo de “proteção” das garrafas — assim delimitando seu pertencimento. Seguindo a

proposta de Douglas e Isherwood (2014), é possível identificar o consumo do kit como uma forma ritual de estabelecer vínculos com as pessoas e também com o espaço público. De acordo com os autores, “os bens são neutros, seus usos são sociais; podem ser usados como cercas ou como pontes” (Douglas; Isherwood, 2014, p. 36). Dezenas e dezenas de círculos formam as multidões que ocupam as ruas da Cidade Baixa. Os copos circulam entre as pessoas — sendo usados como pontes, na acepção de Douglas e Isherwood.

“E eu quero a experiência de me emborrachar!” (relato de Fernando, 2020). A frase de Fernando aponta para mais uma questão a ser levada em conta: o teor alcoólico da vodca e de outras bebidas destiladas é bem mais elevado que o da cerveja — em média 40% e 5%, respectivamente. A significativa diferença do teor alcóolico demonstra como o processo de embriaguez é facilitado pelo consumo do kit, que é mais barato e mais eficiente para uma juventude que busca a sensação de estar sob efeito do álcool. Além disso, o consumo do kit deixa vestígios pelo bairro: o vidro das garrafas de vodca e o plástico dos sacos de gelo e das garrafas de energético são elementos presentes no cenário do bairro. A produção massiva de lixo se torna um problema quando é utilizada como argumento contrário à presença desses jovens nas ruas da Cidade Baixa, principalmente por uma parcela de moradores que se indigna com esse movimento.

A experiência juvenil das ruas destoa dos bares e demais estabelecimentos do entorno, conferindo outros elementos à paisagem da Cidade Baixa. De um lado, copos e corpos circulando, enquanto nos bares as mesas delimitam espacialmente a experiência noturna. Quando há música, ela também se limita ao ambiente interno, não havendo comunicação entre os diferentes recintos. Nas ruas, as batidas que saem das caixas de som misturam-se umas às outras. O funk é o ritmo predominante. Não há entre os grupos rivalidade quanto ao uso do espaço, uma vez que a coletividade e a dimensão do encontro são fundamentais nessa maneira de *praticar a cidade*. Em nossa conversa, Fernando comentou sobre a potência do funk como expressão das culturas de rua, considerando o caso da CB:

Claro que a gente sabe que ali tem lugares que abrigam outros estilos de música, mas a música da rua mesmo, sempre vai ser o funk e o rap, sempre. Não tem como, sabe? Não existe alguém chegando na Cidade Baixa em frente ao Lima's tocando Iron Maiden. Eu acho meio discrepante... respeito, obviamente, mas acho meio discrepante (relato de Fernando, 2020).

O repertório gestual, as danças, o estar-junto a partir do funk são maneiras a partir das quais aqueles jovens “[...] celebravam a amizade, o convívio e a pertença à mesma cultura urbana” (Raposo, 2019, p. 335), imprimindo seus próprios códigos nos lugares da Cidade Baixa. O ato de compartilhar os mesmos espaços públicos, dando-lhe outros tons e sonoridades, faz circular as expressões culturais dessa juventude, investindo a experiência festiva de carga

simbólica, afetiva e subjetiva. O êxtase coletivo e os encontros que acontecem na rua combinam danças, flertes e porres como parte de uma vida urbana que estabelece comunidades de sentido e de pertencimento (Agier, 2011).

Em *Rua de mão única*, Benjamin (1985) sugere que os bares são uma chave de compreensão de qualquer cidade, de modo que basta saber onde se pode beber cerveja para entender as dinâmicas urbanas. Estou falando aqui de um consumo rueiro, fora de quatro paredes e que se congrega ao funk, entendido como ritmo e estilo de vida que melhor expressa os anseios das juventudes urbanas. Seguindo a proposta benjaminiana, as práticas juvenis em questão importam para entender as relações das cidades que habitam e que fazem (Agier, 2015). Do mesmo modo, para Maffesoli (2004), a vida noturna é uma dimensão fundamental para fazer circular sentidos de pertencimento, uma vez que é condutora de trocas e de partilhas: “As pessoas se reúnem, reconhecem umas às outras e, com isso, conhecem a si mesmas” (Maffesoli, 2004, p. 58).

Na Cidade Baixa, o funk incomoda muita gente. Embora não seja um bairro silencioso, é a potência das batidas desse ritmo que provoca as piores reações dos moradores que não aceitam a presença dos jovens nas ruas. Enquanto nos bares e casas de festas há música, para tais moradores o funk é um barulho que não os deixa dormir. A contraposição entre aquilo que é discernível como música adequada e os “ruídos” do funk fomenta discussões sobre quais são os sujeitos que têm direito a ocupar os lugares da Cidade Baixa, já que corpos carregam consigo raça e classe. Como já mencionado, a atual configuração do bairro é resultado de reformas urbanas que culminaram na expulsão da população negra da região, que antes era predominante. Como cultura urbana, o funk é expressão das juventudes periféricas, pobres e racializadas. Há, portanto, disputas simbólicas sobre o direito de estar e de pertencer ao bairro (Leite, 2007) e que podem ser analisadas sob viés político. É como se aqueles corpos juvenis, dançando e se divertindo, estivessem reivindicando seu direito à cidade.

Mizrahi (2014) traz uma instigante leitura acerca das relações entre as estéticas associadas ao funk e os espaços urbanos. Inspirada na abordagem de Manuela Carneiro da Cunha — a qual fala sobre o uso da noção de cultura com ou sem aspas entre povos indígenas —, Mizrahi considera como “cultura” os mecanismos institucionais que alçaram o funk à projeção nacional e internacional como símbolo da brasilidade. A cultura do funk, por sua vez, encontra espaço nas brechas inventivas de seus sujeitos criadores, que não se deixam aprisionar pelas exigências da *indústria cultural* ou do Estado para que o funk seja socialmente aceito. Para a autora, a combinação entre as perspectivas da “cultura” e da cultura garante ao funk a permeabilidade em relação a fatores externos sem que sejam abandonados seus traços estilísticos fundamentais. A centralidade do corpo é um dos traços fundamentais destacados por Mizrahi. Como na música



dos anos 2000: “É som de preto/ De favelado/ Mas quando toca, ninguém fica parado<sup>1</sup>”. Corpos dançantes, que rebolam, que riem, que bebem, que compartilham experiências na cidade.

A abordagem das diversas pesquisas de Diógenes (2008; 2003; 1999; 1997) sobre a experiência urbana juvenil fornece chaves analíticas interessantes para tratar do que tenho observado na Cidade Baixa, sendo uma inspiração para o desenvolvimento de uma sensibilidade etnográfica para perceber como os jovens imprimem seus códigos na e pela cidade. O corpo é o elemento fundamental das práticas juvenis analisadas pela autora. Por meio de seus corpos e estéticas específicas, os jovens carregam consigo suas territorialidades quando se deslocam pela cidade — são territórios em movimento (Diógenes, 1999) que condensam expressões de si onde quer que estejam:

Não há nesse nomadismo das galeras uma idéia de fixidez, de um espaço para cada coisa, tudo se move e se mistura. O corpo leva e traz maquetes de cidades em movimento. Esse é o maior impacto que realiza o nomadismo das galeras no espaço urbano, mostrar que quem segmenta o espaço urbano é o corpo... (Diógenes, 2003, p. 25).

No artigo *Rebeldia urbana: tramas de exclusão e violência juvenil*, Diógenes (1997) aponta que, a partir de um consumo particular e inventivo da “cultura de massa”, os jovens simbolizam o mundo em que vivem, constituindo seus lugares de pertencimento em sociedade. Vale lembrar que a abordagem da autora encontra inspiração na obra de Certeau (2014), que aposta na inventividade da vida cotidiana como mecanismo de *antidisciplina*. É assim que “[...] uma cidade metafórica insinua-se no texto claro da cidade planejada e visível” (Certeau, 2014, p. 172). Em outras palavras, o autor sugere que, por meio de suas práticas, os sujeitos ordenam uma outra cidade, diferente daquela que consta no planejamento urbano formal. Para além dos mapas e planos diretores, Certeau (2014) chama de *praticantes da cidade* aqueles que recusam a condição de passividade diante do cenário urbano, o que pode só ser apreendido pela observação desde baixo, longe dos arranha-céus e mais perto das pessoas. Mirando para as práticas juvenis nas ruas da Cidade Baixa, procuro compreender o que dizem esses “poetas dos seus próprios assuntos, desbravadores nas selvas da racionalidade funcionalista” (Certeau, 2014, p. 57). O olhar que tenho construído é, portanto, atento e sensível às brechas, seguindo aquilo que acontece nas miudezas do cotidiano. Importa aquilo que acontece nas esquinas, nas calçadas, nos fluxos da Cidade Baixa. As ruas do bairro, nesse caso, assumem significados de uma poética urbana produzida de maneira coletiva e pulsante. Dançando, bebendo e ocupando as ruas pela festa, os jovens compõem uma versão particular da CB.

---

<sup>1</sup> Som de preto, dos funkeiros Amilcka e Chocolate. Letra Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/amilcar-e-chocolate/162677/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

Diógenes (2008) fala também sobre como o nomadismo é uma expressão da *cidade praticada* pelos jovens — a partir de seus corpos em deslocamento, eles compõem outro mapa, que não é fixo. Para a autora, são esses deslocamentos cotidianos que tornam possíveis os encontros e partilhas que dão sentido à vida urbana. Comentando a experiência de Mira, uma das interlocutoras de pesquisa, Diógenes ressalta que a vivência cidadina é significada pelo corpo:

De que a cidade, seus muros, seus cercos policiais, suas passarelas são para serem reinventadas, para serem vividos de acordo com os lugares de memória habitados no significante corpo? Se nada escapa ao corpo, se ele mora em cada lugar que fala cidade, Mira tem razão, o bairro é um lugar nosso e não deles (Diógenes, 2008, p. 170).

Apesar das diferenças entre os universos empíricos — em Fortaleza e Porto Alegre —, encontro na Cidade Baixa a mesma dinâmica de *nomadismo urbano* que transforma o bairro. Nas ruas observadas, há jovens dançando funk, bebendo kit, elaborando narrativas cidadinas a partir de suas práticas. São jovens que saem de diferentes lugares de Porto Alegre, e da região metropolitana, para se encontrarem na CB, um bairro de classe média no qual nem sempre as sociabilidades desses corpos juvenis são bem-vindas. Além dos deslocamentos de outros bairros porto-alegrenses até o epicentro da vida boêmia, os deslocamentos no interior do bairro são importantes para entender a maneira como esses jovens apropriam-se do espaço urbano.

No começo deste texto, citei as aglomerações observadas em um bar chamado Janela, em maio de 2023. Durante minha pesquisa de mestrado, os lugares de maior concentração juvenil dentro do bairro eram outros: Cheiki, InSônia e Villas. Esses deslocamentos enfatizam uma Cidade Baixa vivida, sentida e em processo (Agier, 2011). Seguir os fluxos que ocorrem no interior da CB é, portanto, um pressuposto para tornar o bairro apreensível não como um dado, mas como um processo vivo, uma vivacidade empreendida por jovens que, a partir de suas práticas, fazem-cidade (Agier, 2015).

Em 2019, um dos lugares que mais chamava a atenção nas dinâmicas da Cidade Baixa estava localizado na rua José do Patrocínio. O InSônia ficava no meio da quadra, impulsionando a ocupação de todo o restante da mesma quadra. A proprietária era conhecida na Cidade Baixa por sua trajetória ligada ao rock, aparecendo muitas vezes por lá vestida com *looks* que remetem à estética gótica. O estabelecimento ficava a poucos metros do Opinião, casa de shows consagrada no Sul do país. Mas na rua, quando os jovens assumiam o controle das playlists da noite, era o funk que dominava, propagando-se por todo bairro. Muitas noites mal era possível distinguir as letras das músicas, apenas as batidas que se misturavam.

“Eu disse que nós ia vim parar no Opinião” foi uma frase que ouvi certa noite, enquanto caminhava até a quadra do InSônia para observar as aglomerações do entorno. Eu me dirigia

ao local atrás de um grupo de amigos que tinham o mesmo destino que eu. Eles eram cinco, todos aparentando ter entre 18 e 20 anos: um casal heterossexual que estava de mãos dadas e três rapazes. Um deles bolava um baseado ao mesmo tempo em que caminhava e conversava com os amigos. Quem carregava a caixa de som era a única mulher do grupo, que segurava pela alça o equipamento do qual saíam luzes vermelhas e batidas de funk. Enquanto o jovem acendia o cigarro, em tom de deboche, falou a supracitada frase para os amigos. As respostas foram apenas risadas.

Chegando perto do InSônia, que ficava duas quadras adiante, o grupo agregou-se a muitos outros que já estavam por lá. Nem chegaram ao Opinião, que naquela noite não tinha nenhuma atração. Ambos os estabelecimentos são referências que delimitam espacialmente as formas de sociabilidades rueras. É a experiência nos espaços públicos que ali importa e que alinhava dinâmicas cidadinas dotados de sentido para quem as vive. Simas (2020), ao falar sobre a constituição da brasilidade, lembra que as festas na rua fundamentam-se em espaço de subversão de cidadanias negadas, dos negros, mulheres, pobres, travestis e tantos outros sujeitos subalternizados no decorrer de nossa história política, no que podem ser incluídos os jovens. Fazer festa nas frestas do cotidiano é, sob tal perspectiva, mobilizar processos de reencantamento do mundo.

A ocupação juvenil da José do Patrocínio virou caso de polícia e de controvérsia com moradores. Durante sete meses, de agosto a março de 2019, frequentei essa rua praticamente todos os fins de semana. Na época, as viaturas policiais tornaram-se também frequentadoras assíduas da Cidade Baixa. Elas circulavam por horas pelas ruas do bairro, a pedido de grupos de moradores que reclamavam do barulho que vinha das ruas. As luzes vermelhas das viaturas já eram um elemento constitutivo da experiência de estar nas ruas do bairro. Mas houve vezes em que a presença policial não se restringiu aos carros. Cavalos, bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha foram mecanismos de repressão algumas vezes utilizados para dispersar as aglomerações. Em outubro daquele ano, uma das ofensivas da polícia virou matéria de discussão no âmbito da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Na ocasião, um dos jovens atingidos por balas de borracha decidiu denunciar a ação violenta, o que não resultou em medidas efetivas para evitar situações do tipo, que voltaram a se repetir de tempos em tempos.

Além da violência do Estado, naquela quadra observei outras maneiras de moradores do entorno demonstrarem sua insatisfação com a presença massiva de jovens nas ruas. Em uma noite, estava encostada na parede lateral ao InSônia, perto de um edifício residencial. Fiquei ali porque aquela posição tinha um ângulo privilegiado de observação dos arredores e, portanto, estava prestando atenção no que acontecia diante de mim. De repente, fui surpreendida, como todos os jovens próximos de mim, pelo barulho de objetos caindo na calçada. Eram dezenas

de cubos de gelos, que foram jogados de uma janela do terceiro andar do edifício. “Velho filho da puta, vai dormir!”, gritou um rapaz irritado. O morador apenas resmungou alguma frase incompreensível e a noite continuou. Os jovens permaneceram naquela quadra por horas e por muitas outras noites, apesar do descontentamento de alguns moradores.

Fernando me relatou outra situação parecida, quando estava na José do Patrocínio com um amigo. Pelo que ele contou, eles deviam estar em um lugar próximo de onde eu estava. A diferença está no que foi jogado pela janela: além de cubos de gelo, algum morador jogou água sanitária nos jovens que estavam na rua. O jovem me contou ainda que outras vezes viu ovos sendo jogados e também água gelada. Para ele: “[...] eu não sei o que se passa na cabeça desses veios que moram ali há 40 anos, que pra mim é racismo, porque eles jogam água sanitária me parece que é pra higienizar a população” (relato de Fernando, 2020).

A Lima e Silva é uma rua paralela à José do Patrocínio, e é uma das principais vias de acesso à Cidade Baixa, seja de carro ou caminhando. Era por lá que eu sempre iniciava meu trajeto pelo bairro, ainda que não fosse o destino final. Lá fica o Villas, um bar estreito, com apenas quatro mesas de plástico em um pequeno pátio externo, duas mesas internas, um balcão e um banheiro no fundo do estabelecimento. De domingo a domingo, o bar esteve aberto durante o ano de 2019. Até quinta-feira, o bar sempre está movimentado, com pessoas sentadas nas mesas e algumas em frente ao estabelecimento. Nas sextas, sábados e em alguns domingos, o cenário que observei era outro.

Sacolas térmicas coloridas contrastando com o cinza do asfalto. Gente e mais gente. Caixas de som que acionam diversos sentidos: com luzes multicoloridas, batidas de funk que se propagam pela rua e que se sente na pele, já que vibram. É assim um final de semana na Lima e Silva, quando há tantos jovens ocupando o espaço que os motoristas que tentam passar lá se veem diante de uma tarefa difícil. Rodrigo, outro interlocutor da pesquisa, ressaltou a sensação de liberdade da experiência de estar nas ruas, enfatizando as noites em que ia para a Lima com os amigos: “[...] tu escolhe o que tu vai beber ali, ou nada...e tu te encontra com os teus amigos ali, ouve música e tal...é libertador, porque as festas são muito caras e ainda tu fica meio que preso ali” (relato de Rodrigo, 2020).

A sensação de liberdade descrita por Rodrigo não é ilimitada. Como na José do Patrocínio, as viaturas policiais são presença constante nas proximidades do Villas. Na noite de 18 de outubro de 2019, a polícia “[...] desceu o cacete em todo mundo que tava na Lima”, de acordo com o que me contou Fernando (relato concedido em 2020). Logo depois da dispersão, os jovens voltaram a se aglomerar na mesma rua, seguindo a festa como se ela não tivesse sido interrompida. No mês seguinte, eu estava na quadra do Villas, encostada na parede lateral do bar, e consegui ouvir a conversa entre duas amigas. Uma delas estava relatando a outra justamente os acontecimentos da noite de 18 de outubro, contando que nunca antes tinha

precisado correr de bombas e que se sentia desrespeitada. O interessante aqui é uma certa teimosia, uma insistência na reivindicação daquele lugar — voltando para a Lima e Silva, apesar da polícia e dos moradores, aqueles jovens marcam sua presença na cidade.

A distância entre os lugares em que ficam o Villas e o InSônia, na Lima e Silva e na José do Patrocínio, respectivamente, é de menos de 800 metros, que pode ser percorrida em uma caminhada de dez minutos. Até o começo da pandemia de covid-19 e do consequente isolamento social, era no eixo Villas-InSônia que os jovens colocavam seus corpos em deslocamento pela Cidade Baixa, corpos que são *território em movimento* pelo bairro.

As esquinas também são pontos importantes desse processo de *fazer-cidade* que os jovens colocam em ação. São um encontro de fluxos: das ruas e das pessoas que se cruzam. Nas esquinas explodem as possibilidades de invenção da vida cidadina, pois resultam da pulsão coletiva das ruas que se encontram. Permanecendo em esquinas, os jovens tecem narrativas sobre a Cidade Baixa em que são protagonistas das dinâmicas do bairro. Também inspirado em Certeau, Rufino (2020) fala sobre como, nas esquinas, a inventividade do agir urbano cotidiano ganha destaque:

A cidade é feita, nas brechas, pelas contendas de sua gente. Território em disputa, cruzada entre sedução, força e esperteza, ela forma, ao longo dos tempos, legiões de catedráticos da esquina. Seus praticantes são aqueles que no ir e vir fazem desses lugares mais do que meros caminhos de passagem: eles a produzem enquanto lugar de improvisos e soluções (Rufino, 2020, p. 76-77).

Além do Villas e do InSônia, outro estabelecimento impulsionou aglomerações nas suas adjacências durante minha pesquisa de mestrado: o Cheiki. O bar ficava em uma esquina, o cruzamento entre a José do Patrocínio e Avenida Loureiro da Silva, mais conhecida como Perimetral. Na localização do Cheiki, estava também o encontro entre dois bairros, já que o bar ficava na zona limítrofe entre a Cidade Baixa e o Centro Histórico. Era, por isso, um ponto de fácil acesso na cidade. Surgido em 2017, o Cheiki teve seu boom no ano seguinte. Foi lá onde fui chamada de “tia”, no começo de 2019. Para Rodrigo, que começou a frequentar a Cidade Baixa em 2018, “O Cheiki virou o que virou...porque a Sônia fechou” (relato de Rodrigo, 2020). Explico: durante mais de um ano, o InSônia esteve fechado, reinaugurando somente em agosto de 2019, no decorrer de minha pesquisa.

Rodrigo costumava se deslocar de Novo Hamburgo, na região metropolitana, até Porto Alegre só para ir ao Cheiki. Ou melhor: só para beber com os amigos ao redor do estabelecimento. O bar *per se* não tinha absolutamente nada de especial em relação a tantos outros bares da Cidade Baixa. Um balcão, um banheiro, mesas e cadeiras de plástico e nada além disso. O único diferencial era a área adjacente, delimitada por pilastras, na qual ficavam as mesas de plástico. Nos finais de semana, essas mesas eram retiradas e o entorno do bar era todo

ocupado, transbordando para a Perimetral. As sociabilidades que aconteciam no Cheiki eram todas voltadas para a área externa, para a rua. Naquela esquina se encontravam dois bairros e pessoas vindas de vários lugares, resultando em uma experiência cidadina particular, na qual os jovens ali reunidos eram sujeitos ativos, *praticando* o bairro a partir de seus próprios termos.

Em muitas das noites em que observei o movimento dos arredores do Cheiki, chamava a atenção uma atitude do proprietário: como não havia grades para separar a área adjacente ao bar da Perimetral, depois da 1h ele colocava cordas nas pilastras para fechar o estabelecimento. Sem poder acessar a área externa do Cheiki, aqueles jovens avançavam em direção à avenida. Assim começava uma disputa com os carros, que naquela região eram abundantes. Caixas de som, corpos, copos e garrafas estavam ali ocupando um lugar da cidade que é planejado para os automóveis e seus motoristas. Entre buzinas e alguns xingamentos, eles permaneciam ali, como que afirmando, a partir de sua presença, que a Cidade Baixa e, portanto, a própria cidade em sua totalidade também podem ser deles.

Devido a multas, o Cheiki precisou fechar durante algumas semanas, o que gerou comoção on-line entre os frequentadores. Foi graças a uma campanha de financiamento coletivo que o proprietário conseguiu angariar o valor necessário para pagar as multas, cerca de 7 mil reais. No entanto, quando o Cheiki voltou a funcionar, o InSônia já havia reinaugurado e o movimento do primeiro bar foi perdendo força, até que não restasse mais toda a vitalidade juvenil antes observada no entorno do estabelecimento. Algumas quadras à frente, também na José do Patrocínio, estavam florescendo as mesmas práticas e formas de ocupar o bairro. No lugar de uma esquina, passou a ser ocupada uma quadra inteira daquela rua, mantendo os mesmos elementos e práticas. O funk e os kits continuavam lá, ainda que nenhum dos dois bares tocasse o ritmo ou vendesse a bebida. Verifica-se, desse modo, o argumento de que mais vale a experiência de estar nas ruas — o que, como apontou Rodrigo, atrela-se a um sentimento de liberdade — do que propriamente o estabelecimento que serve como aglutinador dos fluxos e *nomadismos juvenis* pelo bairro.

Os deslocamentos observados na Cidade Baixa respondem, portanto, a duas lógicas distintas, porém complementares. De um lado, os jovens circulam pelo bairro de um lugar a outro, percorrendo as ruas do bairro para chegar de um lugar a outro, circulando entre os lugares de maior concentração juvenil. No caso do período da pesquisa de campo que resultou em minha dissertação (Sevaio, 2021), esse percurso acontecia primeiro entre o Cheiki e o Villas e, depois, entre o Villas e o InSônia. E aí está a segunda lógica de deslocamentos pela CB: alguns bares fecham, outros inauguram, e assim vão mudando os focos de aglomeração pelo bairro. Fazer festa nas ruas é, nesse sentido, uma abertura para a vivência da cidade como possibilidade e invenção (Bernardo; Costa, 2024).

As dinâmicas de fluxos juvenis e *nomadismos* pelas ruas da Cidade Baixa colocam em

evidência uma forma específica de *praticar* o bairro. Agier (2015) argumenta que mesmo sem ter lido Henri Lefebvre, a partir de suas práticas cotidianas de apropriação do espaço urbano, os sujeitos estão exercendo ou colocando em pauta o seu direito à cidade. A ocupação das ruas coloca as práticas políticas na ordem do cotidiano, para além do repertório institucional. Para os jovens, a festa é um mecanismo de disputa dos sentidos de cidade, a partir do qual tensionam o modelo de planejamento urbano hegemônico. A noção de *agências estetizadas* proposta por Marcon (2019) é também interessante para compreender os processos, em que, por meio de suas expressões sensíveis — performance, dança, festa, e tantas outras intervenções estéticas —, os sujeitos colocam-se no centro do debate público o direito à cidade.

Nas inúmeras noites em que estive na Cidade Baixa, observei como as *agências estetizadas* configuram um outro bairro, transformando-o a partir das práticas e sociabilidades festivas. Ocupando ruas e calçadas, os jovens politizam sua vida cotidiana. São corpos, copos, garrafas, caixas de som, danças e risadas que constituem repertórios simbólicos, formas de existir no mundo e de se expressar nos espaços públicos. Galvão e Marcon (2023) apontam que essas agências não necessariamente modificam radicalmente as lógicas injustas das cidades, ainda que provoquem tensões, criem demandas e impulsionem debates. Trata-se, portanto, de uma maneira de fazer política que acontece nas brechas, que é possível nas miudezas da vida cidadina.

## NOMADISMOS JUVENIS PELA CIDADE BAIXA

Com a chegada da pandemia de covid-19, a vida boêmia da Cidade Baixa foi bruscamente interrompida. No começo de março de 2020, todos os estabelecimentos noturnos do bairro deixaram de funcionar, ao menos temporariamente. Nas vezes em que circulei por lá, durante o período mais rígido de controle sanitário, apenas supermercados e farmácias estavam na ativa. À noite, o bairro ficava completamente ermo, um cenário bastante distante do antes observado. Não estavam no horizonte as luzes vermelhas das viaturas policiais, ou até as luzes coloridas que diferenciavam as caixas de som umas das outras, já que as batidas do funk se misturavam e se confundiam. A CB — antes barulhenta e viva — estava silenciosa e apagada.

As entrevistas que realizei para a pesquisa de mestrado aconteceram durante esse período de isolamento social, em formato remoto. Na época, o cenário da Cidade Baixa era desanimador, e eu pensava que não tinha sentido todo o árduo trabalho de campo no qual eu estive imersa por mais de um ano. Afinal, as experiências coletivas nos espaços públicos tinham se tornado uma ameaça à segurança sanitária da população. Aglomerar-se, que era algo essencial à experiência

de estar nas ruas, virou uma palavra maldita. Por isso, eu questionei meus interlocutores sobre suas projeções acerca do futuro próximo do bairro — ou como imaginavam que seria quando voltasse à “normalidade”. A resposta de Fernando sintetiza as expectativas em relação à CB: “Eu vou tá entornando três litrão no Lima’s, no Lima’s não, no Villa, sabe. E eu acho que esse vai ser o sentimento geral, de toda uma juventude que tá passando por esse momento e ali acho que vai ser o descarrego dos últimos anos.”

Os dois bares citados na última fala de Fernando continuam funcionando, ambos na rua Lima e Silva. Nas proximidades, dois estabelecimentos abriram no final de 2021, além daqueles que já existiam, fazendo com que a quadra experimentasse um boom de movimento no cenário atual. Conforme esperado por Fernando, a Lima continuou a ser um ponto atrativo para os jovens que *praticam* a Cidade Baixa. Acompanhar, ainda que despreziosamente, os diferentes modos de funcionamento do Villas durante e após a pandemia foi um exercício interessante para entender como a relação com os espaços públicos foi transformando-se no decorrer do período. Pude perceber, então, como as dinâmicas foram paulatinamente voltando ao panorama observado até março de 2020 — indo da suspensão da vida noturna ao retorno do vigor antes experimentado.

Ainda em 2020, depois de aproximadamente três meses com as portas e grades fechadas, o Villas voltou a abrir. Mas não no formato usual, como ponto de apoio para os encontros com e na rua. Naquele momento, as ruas da Cidade Baixa ainda ficavam vazias durante a noite e o bar apenas vendia cerveja através das grades, em uma dinâmica conhecida como *take away*. Nessa lógica, a permanência nos locais de comércio não é uma opção, de modo que mesmo que o Villas estivesse funcionando, as adjacências do bar continuavam sem o movimento do contexto antes da pandemia.

O ano de 2021 começou trazendo consigo a vacinação contra a covid-19 e, com isso, as promessas de que os fluxos urbanos, inclusive os da vida noturna, voltariam às condições habituais em um futuro próximo — com os *nomadismos*, aglomerações e apropriações das ruas a partir das práticas festivas. No primeiro semestre do ano, o bar já comercializa bebidas para que as pessoas bebessem nas mesas. Durante os finais de semana, já era possível observar um fluxo considerável de pessoas, mas isso não se estendia ao entorno. No máximo, algumas pessoas ficavam nas paredes laterais da área externa do bar. Pude ver que a vida noturna da Cidade Baixa voltava ao seu fluxo “normal” nos últimos meses do ano, quando a faixa etária da vacinação já alcançava os jovens abaixo dos 25 anos.

À medida que se “normalizou” o quadro de saúde pública, notadamente a partir do segundo semestre de 2021, a vida noturna da Cidade Baixa voltou a pulsar intensamente e seguiu seu fluxo para outros lugares do bairro. Embora naquele momento eu já estivesse envolvida em outro projeto de pesquisa, quando circulava pelas ruas da CB era tomada pelo



*ethos* etnográfico que me guiou em momentos anteriores. O exercício de uma *etnografia de rua* impôs uma submersão nas dinâmicas do bairro, conduzida por um olhar atento e sensível que permitiu acessar camadas de significados e de possibilidades interpretativas sobre o cotidiano da Cidade Baixa. Ainda que finalizado o período formal de pesquisa, torna-se tarefa difícil circular pelas ruas que me afetaram durante tanto tempo sem esbarrar nas mesmas inquietações de antes. Afinal, na interlocução com os personagens urbanos, os etnógrafos assumem uma condição de coautoria das tramas cidadinas, o que permite “a descrição da cidade que somos nós e que está em nós” (Eckert; Rocha, 2010, p. 122).

Dotada de ímpeto *flanêuse*<sup>2</sup>, caminhei pelo bairro e pude perceber que o fluxo de pessoas começou a aumentar significativamente, como se o período de confinamento tivesse sido deixado completamente no passado. Na Lima e Silva, as sociabilidades festivas voltaram a transbordar para os espaços públicos, ocupando ruas e calçadas, não se limitando ao perímetro de bares pequenos como o Villas. Luzes, caixas de som, sacolas térmicas e copos de kit voltaram a fazer parte da rotina do bairro. E, junto a isso, jovens, muitos jovens na rua.

O movimento se espalhou para toda a quadra. Outros bares abriram, novos pontos de concentração que acabaram por atrair público ainda maior. Depois da imposição do isolamento, a rua voltou a ser lugar de festa, lócus de encontro, recuperando, assim, sua vocação e vitalidade.

Em 2022, retomei contato com meus interlocutores, com o intuito de agradecer suas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa. Aproveitei aquelas conversas informais para perguntar se eles voltaram a frequentar a Cidade Baixa, questionando se estavam indo nos mesmos lugares. Fernando respondeu que só voltou às ruas da CB com tranquilidade depois de ser vacinado contra a covid-19 com duas doses, o que só aconteceu em dezembro de 2021. Antes disso, ele disse que até observava que amigos e conhecidos já estavam frequentando o bairro, mas Fernando não se sentia “seguro” sem estar imunizado. Ele gostava muito de frequentar o Villas porque a cerveja lá era barata e sempre havia promoções. Quando voltou a frequentar a Lima, Fernando se deparou com um bar com promoções ainda mais vantajosas, o Bellona, e não hesitou em atravessar a rua e aproveitar os preços mais baratos da cerveja. Os dois estabelecimentos estão localizados exatamente um em frente ao outro, formando um continuum de ocupação da quadra onde ficam. Apesar dos bares, a experiência buscada por Fernando e outros milhares de jovens diz respeito muito mais à relação estabelecida com a rua. É um tipo de vivência urbana atravessada pelo consumo — nesse caso, de cerveja —, mas que carrega em si todo o repertório simbólico desses jovens, assim como suas formas de vivenciar

---

2 A partir da obra de Walter Benjamin, a figura do *flâneur*, um observador errante das cidades, foi difundida nas Ciências Sociais como uma inspiração para os estudos urbanos. Já Elkin (2022) flexiona essa experiência errante para o feminino, direcionando seu olhar para as mulheres caminhantes que dividiram com os homens as mesmas ruas e vielas, mas que foram apagadas das narrativas oficiais.

o mundo.

Quem observa os fluxos noturnos da Cidade Baixa em 2023, dificilmente imagina que eles foram bruscamente interrompidos por uma pandemia. Talvez a marca mais profunda do período em que os estabelecimentos estavam fechados foi que alguns deles tiveram que fechar definitivamente, como foi o caso do InSônia. Respondendo às exigências sanitárias da pandemia, a proprietária tentou o formato *take away*, mas a iniciativa não durou dois meses, e ainda em 2020 o bar fechou. Hoje, no mesmo lugar, funciona uma pizzaria, um tipo de estabelecimento que limita a experiência ao ambiente interno. Perto dali, apenas virando à direita, o Janela abriu em 2022, levando os fluxos juvenis para aquele ponto da Cidade Baixa.

O período de pandemia impulsionou ainda mais as dinâmicas de *nomadismo* pelo interior da Cidade Baixa, fazendo com que outros lugares do bairro fossem ocupados. Observei um processo contínuo de abertura de novos estabelecimentos, ao mesmo tempo em que outros fecharam ou foram substituídos por bares diferentes. O fluxo de pessoas foi acompanhando esse processo de ocupação de outras áreas do bairro, configurando territórios em movimento (Diógenes, 1999). Nesse sentido, não é possível observar as dinâmicas urbanas como algo estanque, a partir de quadro analítico delimitado *a priori*. É nas esquinas, nos encontros e na vida ordinária das pessoas que a cidade acontece como obra coletiva e inacabada de quem nela vive. Com a CB não é diferente. As práticas de apropriação dos lugares do bairro — em movimento — vão arquitetando versões diferentes da Cidade Baixa. Com seus *nomadismos*, os jovens que festejam nas ruas inventam o bairro e imprimem suas visões de mundo por onde passam, tensionando, assim, disputas sobre os sentidos dos espaços públicos, nos termos definidos por Leite (2007).

Seguindo os fluxos das práticas e sociabilidades, cheguei à Cidade Baixa de 2023, um cenário no qual a rua Joaquim Nabuco, onde fica o Janela, tornou-se um dos principais pontos de aglomeração. Quando iniciei o trabalho de campo, poucos anos antes, o mesmo lugar passou despercebido nas dezenas de noites em que fiz observação participante. No decorrer do tempo, as ruas ocupadas mudaram, ainda que as práticas, sociabilidades e maneiras de apropriação do bairro guardem semelhanças — já que expressam os anseios de jovens que se colocam como produtores de sentidos para o bairro. A disposição das caixas de som ao longo da rua, congregando a experiência coletiva, faz vibrar a calçada no ritmo das batidas — colocando o bairro no compasso da pulsação juvenil. Essa experiência é sobretudo vivenciada pelos corpos, corpos juvenis que se deslocam, bebem, dançam, flertam, divertem-se e, sobretudo, fazem da Cidade Baixa um lugar seu. Essa apropriação do bairro pelos jovens traduz-se, como tenho observado, em experiências cidadinas de teor político, uma vez que suas *agências estetizadas* (Marcon, 2019) forjam as maneiras como a Cidade Baixa é *inventada* no cotidiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fio condutor deste texto foram as sociabilidades juvenis observadas em um bairro boêmio — os encontros, aglomerações, festas que acontecem pela Cidade Baixa. A ocupação das ruas é a tônica dessas dinâmicas festivas, nas quais os diferentes estabelecimentos são apenas pontos de referência, aglutinadores de fluxos citadinos. O argumento que busquei explorar é que essa experiência de ocupação das ruas não é algo ordinário ou vazio de sentido. Pelo contrário, os *praticantes* da Cidade Baixa impulsionam experiências revestidas de sentido político, as quais questionam a normatividade de como os espaços públicos devem ser usados. Quando os jovens ocupam as ruas, é como se gritassem a plenos pulmões: “A CIDADE BAIXA TAMBÉM É NOSSA!”. Em deslocamento pelo bairro, levados pelo *nomadismo* da noite, tais jovens recusam a condição de passividade e afirmam seu lugar no mundo a partir do jeito que festejam nas ruas.

Seguindo a proposta de Agier (2015), parto da noção de que o processo de fazer-cidade é essencialmente movimento, uma contínua construção relacional das pessoas com os lugares que ocupam no contexto urbano. Para além do contexto específico da Cidade Baixa, entendo que as dinâmicas observadas ajudam a compor um panorama analítico sobre como, de diferentes maneiras, os jovens podem tensionar as normas por meio de suas práticas, estéticas e existências. A festa é uma possibilidade entre muitas, um caminho possível para forjar cidades voltadas para sua vocação pública e política, em contraponto a uma concepção mercadológica que individualiza as experiências urbanas. A cidade é, afinal, uma obra criativa, processual e coletiva.

## REFERÊNCIAS

1. AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem, o centro. *MANA*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/wJfG33S5nmwwjb344NF3s8s/>. Acesso em: 18 ago. 2019.
2. AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**. Lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
3. BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas. vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1985.
4. BERNARDO, Gabriel Vargas; COSTA, Luis Artur. Ocupar as ruas. A festa como

- política descolonizante do direito à cidade. **PIXO**, Pelotas, v. 8, n. 28, p. 286-305, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/7026>. Acesso em: 18 abr. 2024.
5. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.
  6. COGO, Paulo Sérgio Fernandes. **A olaria dos narcisos**: um estudo sociológico da oferta e do consumo de lazer no Centro Comercial Nova Olaria de Porto Alegre. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
  7. DIÓGENES, Glória. A arte de fazer Enxame: experiências de ressignificação juvenil na cidade. **Política & Sociedade**, Santa Catarina, v. 5, p. 191-221, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/download/1808/1567/5121>. Acesso em: 19 abr. 2021.
  8. DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis** – a festa, o jogo e o tatame. São Paulo: Annablume, 2003.
  9. DIÓGENES, Glória. Territorialidade e violência: novos ritos de ordenação urbana nas grandes metrópoles. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 23., Caxambu, MG, 1999. **Anais [...]**. Caxambu, 1999.
  10. DIÓGENES, Glória. Rebeldia Urbana - Tramas de exclusão e violência juvenil. *In*: HERSCHMANN, Micael (org.). **Abalando os anos 90** – funk e hip-hop. Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
  11. DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.
  12. ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. **RUA**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 121–145, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638850>. Acesso em: 21 fev. 2021..
  13. ELKIN, Lauren. **Flâneuse**. São Paulo: Fósforo, 2022.
  14. FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre**: guia histórico. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.
  15. FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre** – dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
  16. GALVÃO, Leticia Oliveira Feijão; MARCON, Frank Nilton. Práticas culturais juvenis e a cidade como locus de ação política e disputa de sentidos sobre o espaço público. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 31, p. 1-16, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/15056>. Acesso em: 18 abr. 2024.

17. GARCIA, Angela Maria. **Maneiras de beber**: sociabilidades e alteridades. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
18. GRAVANO, Ariel. **Antropología de lo barrial**: estudios sobre producción simbólica de la vida urbana. Buenos Aires: Espacio, 2003.
19. LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp; Aracaju: Editora UFS, 2007.
20. MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
21. MARCON, Frank Nilton. Agências estetizadas, geração digital, ativismos e protestos no Brasil. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 23, p. 1-20, 2018.
22. MIZRAHI, Mylene. **A estética do funk carioca**: criação e conectividade em Mr. Catra. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
23. OLIVEIRA, Márcia Ramos de. **Lupicínio Rodrigues**: a cidade, a música, os amigos. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
24. PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt>. Acesso em: 30 mai. 2019.
25. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre** – espaços e vivências. Porto Alegre: EdUFRGS, 1991.
26. RAPOSO, Otávio. Performances no planeta break. **Gis**: Imagem, Gesto e Som, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 333-336, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/162333>. Acesso em: 25 set. 2023.
27. ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **Quando Vargas caiu no samba**: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
28. RUFINO, Luiz. Seu Zé para Prefeito. In: SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
29. SILVA, Michelle Nascimento da. **Percepção de valor dos usuários sobre o território**: estudo de caso no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre – RS. 2014. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
30. SILVA, Hélio Raymundo Santos. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, 2009. Disponível em: <https://>

[www.scielo.br/j/ha/a/qg3G8GrBsYz7H56nCzJWymx/](http://www.scielo.br/j/ha/a/qg3G8GrBsYz7H56nCzJWymx/). Acesso em: 21 jun. 2024.

31. SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
32. SEVAIO, Joanna Munhoz. **Entre boemia e baderna**: etnografia das práticas, sociabilidades e controvérsias na e da Cidade Baixa. 2021. 182 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2021.
33. VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios Negros em Porto Alegre (1800-1970)**: Geografia histórica da presença negra no espaço urbano. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

*Joanna Munhoz Sevaio*

Bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0706-0335>. E-mail: [jmsevaio@gmail.com](mailto:jmsevaio@gmail.com)